

Radionovelas e memórias leitoras: sons e história lembradas por mulheres ouvintes de Passo Fundo

Daniela Menegotto¹

Resumo: O presente trabalho analisa as paisagens sonoras das radionovelas produzidas em Passo Fundo/RS na época de ouro do rádio, a partir do depoimento de suas rádio-ouvintes. Para isso, além do resgate da história deste formato no rádio e de uma reflexão a cerca da constituição do texto radiofônico, foram realizadas entrevistas com seis leitoras das radionovelas das décadas de 1940 a 1960 no município, para observar o que estava guardado na memória destas; e entrevistas com cinco pessoas que participaram da produção das edições de Passo Fundo.

Palavras-chaves: leitura, memória, mensagem, radionovela, texto.

1. Paisagens sonoras: a linguagem e a leitura radiofônica

Considerando que a história do nascimento da radiodifusão ainda é amplamente abordada em outras publicações do gênero, assim como a relevância de seu papel no processo de comunicação estabelecido pelos sujeitos no cenário social, neste artigo, vamos nos concentrar apenas no objeto recortado: a leitura de novelas no rádio, resgatadas da memória de suas rádio-ouvintes. Nesse sentido, é significativo, antes de qualquer outro aspecto, pensar nas características do texto radiofônico e, conseqüentemente, do leitor radiofônico.

1.1 Texto radiofônico

Existe un lenguaje radiofónico? Tiene la radio un lenguaje específico?... como si la importancia expresiva del cine, la radio o la televisión únicamente residiera en su función de transmisores del lenguaje hablado, ignorando que sí tienen reglas, sí disponen de códigos de expresión, y sus discursos sí estructuran unos lenguajes. Como afirma Fuzellier, a propósito del lenguaje radiofónico, el perfeccionamiento de la técnica no sería suficiente para hacer de él un verdadero lenguaje si no hubiera realizado poco a poco un inventario de la naturaleza misma de los sonidos que transmite (voz, ruidos y música), de su propio valor y del valor de su mezcla, de la funcionalidad de sus relaciones y de la eficacia de su utilización. (BALSEBRE, 1996, p. 250)

Na epígrafe há um questionamento em torno da linguagem radiofônica, ou seja, dos elementos e formas que o rádio utiliza para transmitir a mensagem, que são importantes não só na

¹ Radialista, formada pela Universidade de Passo Fundo e estudante de jornalismo da Faculdade de Artes e Comunicação, na mesma instituição.

produção de todas as mensagens sonoras transmitidas pelo rádio, mas, sobretudo, para a composição da dramatização nas peças radiofônicas e, conseqüentemente, nas radionovelas.

A idéia de que o rádio é apenas um transmissor de linguagem verbal é equivocada. Isso aconteceu logo que ele foi criado, com a veiculação de peças de teatro, de óperas e de discursos políticos. Com o passar dos anos e o desenvolvimento tecnológico, o rádio foi adotando métodos e códigos, através dos sons, para expressar a mensagem. É esta combinação de sons, aliados à imaginação do ouvinte, que dão origem às paisagens sonoras.

De acordo com Baslbre (1996), a linguagem radiofônica é um conjunto de formas representadas pelo sistema expressivo da palavra, da música e dos efeitos sonoros. Eles precisam ter uma seqüência ordenada, contínua e significativa para transmitir algo, caracterizando um processo de percepção que resultará no despertar imaginativo-visual do radiouvinte. Entretanto, não é apenas o som o elemento responsável pela organização coerente do texto; também o silêncio, forma não sonora, que tem seu lugar na formação da mensagem.

La idea de la percepción de la totalidad como algo superior a la suma de las partes es esencial para entender la complejidad del mensaje sonoro de la radio, cuyos sistemas expresivos, la palabra, la música y el ruido o efecto sonoro, constituyen el material sonoro del lenguaje radiofónico como una totalidad también superior a la suma de sus componentes: la función expresiva de la radio nace de la codificación de un lenguaje nuevo, resultante pero distinto de la suma del lenguaje verbal, el lenguaje musical y los efectos sonoros.(BALSEBRE, 1996, p.22)

Nessa perspectiva, a mensagem sonora produzida pelo rádio não é formada somente pela palavra, apesar desta ser fundamental. “Es el resultado de un número finito de normas y transformaciones (códigos, gramática normativa), aplicadas a un número limitado de sistemas expresivos (palabra, música, efectos sonoros)”. (BALSEBRE, 1996, p.26).

Com o passar do tempo, os pesquisadores da área integraram também a linguagem radiofônica unidades constituintes, que são os elementos técnicos (microfones, mesa de mixagem etc.) e os ouvintes. Dessa maneira, o sistema semiótico radiofônico, ou seja, que forma signos e códigos, tem a participação da linguagem radiofônica (palavra, música, efeitos sonoros e silêncio), da tecnologia (recursos técnicos/expressivos da reprodução sonora) e do ouvinte (percepção radiofônica), que recebe os signos, decodificando e ressignificando o texto.

Não só nas peças de ficção, mas em qualquer informação veiculada pelo rádio, a estética da linguagem é importante. O modo como é construída a mensagem e a utilização de música e efeitos pode dizer mais do que a própria palavra. O único cuidado é que o profissional que produz tem de fazer isso de forma equilibrada, respeitando os objetivos e o conteúdo da informação. Para uma melhor compreensão explicam-se detalhadamente neste trabalho todos os elementos da linguagem radiofônica.

A voz tem papel imprescindível, pois a forma como é expressa estimula a imaginação do ouvinte e pode atingir os objetivos iniciais da mensagem. Além disso, os sons da voz é que formam as palavras.

De acordo com essa perspectiva, nas radionovelas a intervenção da voz é essencial, pois lhes confere existência. A voz cria os personagens e suas intenções, faz presente o cenário, torna sensível o sentido da palavra, que, segundo Moura (2003), é personalizada pela cor, ritmo, fraseado, emoção, atmosfera e gesto vocal. No rádio, a expressão da voz dá-se através do tipo, frequência e interpretação, de acordo com as características do meio, são esses elementos que lhe dão um aspecto tátil

As modulações da voz na interpretação do texto pelo locutor são essenciais para a produção e credibilidade da mensagem sonora. Textos que parecem apenas serem lidos sem inflexões provocam o desinteresse do ouvinte. Em consequência disso, algumas emissoras determinam certos tipos de vozes como mais adequados para uma programação específica, que pode estar relacionada com o tema publicitário ou com o público-alvo, criando convenções. Contudo, outras qualidades, como as possibilidades sonoras da voz, vão além dessas convenções.

A música também compõe a linguagem radiofônica, podendo, de acordo com o estilo musical, ser utilizada como trilha de passagem, no caso de uma transição de assuntos ou aspectos durante o programa, como rádio *back ground* musical (BG), ou música de fundo, e determinando ações ou climas emocionais. É como se a música auxiliasse a fazer um desenho imaginário representando e destacando aquilo que o emissor quer levar ao receptor através da mensagem.

A música que apóia freqüentemente a palavra na peça radiofônica, além de incrementar os efeitos que resultam da palavra ou do ruído na conformação da imagem sonora, pode ser explorada menos como meio de ilustração e mais como interpretação, comentário e tipificação. (SILVA, apud MOURA, 2003, p.9).

Conforme Moura (2003), basicamente confere clima ou sentimento à enunciação, no que se refere à utilização de músicas tristes, melancólicas, alegres, dinâmicas, exercendo uma função expressiva. Além do clima, a música pode introduzir na enunciação elementos visuais e, juntamente com a palavra, criar ambientes, descrever ações e representar seres vivos ou inanimados. Observa-se que a música, durante um programa radiofônico, vai ser utilizada de acordo com suas características e intenções de significado para o ouvinte.

Os efeitos sonoros são ruídos, que não são músicas, os quais na mensagem radiofônica representam elementos, ações, ambientes, animais etc. Os efeitos dependem muito da compreensão do receptor, ou seja, se ele entendeu o que os ruídos querem “mostrar”. Ao ouvir um efeito sonoro, o receptor deve relacioná-lo com algum elemento conhecido.

Os efeitos não querem se aproximar da realidade sonora do elemento do qual se originam, mas, sim de um som que seja compreendido pelo ouvinte e que esteja de acordo com o objetivo

da mensagem. Esclarece: “O ruído fornece informações, pistas, atua como índice do objeto representado a fim de que o ouvinte reconheça e estabeleça associações, que, pelo caráter referencial assumido pelo ruído, dá-se por contigüidade” (MOURA, 2003, p.10).

Já o silêncio é um elemento não sonoro também utilizado na linguagem radiofônica; se quando bem explorado na mensagem radiofônica, o silêncio possibilita que o ouvinte suponha e crie situações. Nos momentos de silêncio, o receptor medita sobre a interpretação das palavras, dos sons e dos ruídos.

As pessoas, na maioria das vezes, estão acostumadas a falar constantemente; para essas, sem a fala não há comunicação. A fala, sem dúvida, é muito importante, mas o silêncio faz parte da compreensão da fala. Nas radionovelas, por exemplo, é o emissor quem cria a história, mas o ouvinte vai imaginar essa história de acordo com seus pensamentos e em silêncio; é como se ele fosse o co-autor da trama.

Segundo Bruneau (1973), o silêncio é a língua de todas as fortes paixões, como o amor, a surpresa, o medo, a cólera. Quando estamos apavorados, por exemplo, ficamos mudos, a fala não sai. O silêncio, no rádio, pode buscar essa sensação de pavor e de suspense, contudo tem de ser usado no lugar adequado e o tempo certo, pois muito tempo de silêncio pode dispersar o ouvinte. A duração do silêncio tem de estar de acordo com a intenção e a sensação que o emissor quer despertar no receptor.

Cunha (1982) defende que o silêncio questiona e leva o homem a buscar sua essência, constituindo no fator mais apurado da comunicação. É por isso que o silêncio ajuda no entendimento da mensagem, uma vez que dá espaço para o ouvinte encontrar desfechos utilizando a imaginação.

1.2 Texto ou mensagem sonora?

A presente pesquisa prefere o termo “texto” ao invés de “mensagem”, por se entender que o texto carrega mensagens, ao passo que a mensagem é uma simples transmissão de algo através de um meio físico para alguém (emissor, mensagem, receptor). Contudo, o texto radiofônico é um processo mais complexo, no qual o ouvinte, além de decodificar, ressignifica a mensagem, pois “a comunicação somente tem sentido e significado em termos das relações sociais que a originam, nas quais ele se integra e sobre as quais influi”. (RAMOS apud BORDENAVE, 1998, p.14).

Eco (apud GRANDI, 1995) explica que a mensagem aparece relacionada a uma única substância (verbal ou visual ou musical), já o texto, refere-se a diversas substâncias e códigos. A composição do texto está relacionada com o contexto no qual ele foi produzido e recebido. Além disso, para que o destinatário decifre corretamente o texto é necessário que emissor e receptor dividam alguns dos significados de seus códigos.

Então, se a união dos elementos da linguagem radiofônica de forma significativa forma as paisagens sonoras, como citado anteriormente, a união das paisagens sonoras vai formar o texto sonoro. Isso porque, para comunicar algo, a linguagem radiofônica precisa ser determinada por uma espécie de códigos de sentidos, que estruturam os elementos fazendo uma montagem. A montagem radiofônica determina várias possibilidades e recursos expressivos na produção da mensagem. “El mensaje es la agrupación significativa de los elementos del código, elementos de percepción [...]. El mensaje radiofónico es la sucesión ordenada y continua, sintagmática, de los contornos sonoros de la realidad” (BALSEBRE, 1996, p.163). A seqüência ordenada que forma o texto sonoro é relevante no processo de percepção do ouvinte.

Segundo Eco (apud BALSEBRE), o texto é uma sucessão de formas significantes que esperam ser “recheadas”. Nesse contexto, a mensagem radiofônica seria o “recheio” do texto radiofônico, na qual os significados têm de ser construídos pelo receptor. É importante ressaltar que o texto, no caso do rádio, não é o texto literário ou o texto escrito, mas é um conjunto de formas sonoras significantes.

Un texto es ante todo una construcción sintagmática. Una construcción sintagmática es la combinación de al menos dos elementos en una cicroadena. Su realización supone, pues, la presencia como mínimo de dos elementos, y del mecanismo de su combinación. Pero para que dos elementos puedan ser combinados, es necesario que existan separadamente. Es así como la cuestión de la segmentación del texto es decisiva para la comprensión del proceso de construcción de una obra narrativa, la narración radiofónica[...]se entiende por narración radiofónica la narración sonora realizada con los elementos del código o códigos del lenguaje radiofónico; se entiende por texto radiofónico el texto sonoro compuesto de imágenes sonoras . (BALSEBRE, 1996, p.165)

No entanto, quando se escreve para o rádio, o material “verbo”, “palavra” não deve ser percebido como um elemento isolado ao qual se agregam músicas e efeitos sonoros. O texto radiofônico tem de ser pensado para o rádio, na linguagem do rádio, para ser eficaz, de acordo com o contexto comum entre o emissor e o ouvinte. É como se acontecesse uma conversa entre o emissor e o receptor; daí a importância de o locutor conhecer a linguagem do veículo. Chantler e Harris (apud MOURA, 2003) definem o texto para rádio como um texto escrito para o ouvido, não para o olho. Deve, então, ser escrito como se fala, numa linguagem coloquial, com frases curtas e uma idéia em cada sentença. Só depois da criação do texto pensado para o rádio é que se agregam -os demais elementos.

O texto escrito apresenta marcadores que representam estratégias (conscientes ou não) do locutor em estabelecer uma relação de interatividade com o interlocutor. São mecanismos verbais que permitem indicar a força argumentativa do discurso. Na idéia rádio o “texto” na sua criação compõe-se de elementos verbais (palavra) e não verbais (sons) com funções de marcadores argumentativas que permitem ao interlocutor entender a mensagem. (MOURA, 2003, p.11)

3.3 Leitor radiofônico

A comunicação só acontece se houver um diálogo entre duas ou mais partes; assim também é com o rádio. Para que o texto radiofônico seja eficaz, é fundamental uma boa percepção do receptor, ou seja, que o ouvinte entenda o que o emissor quer dizer.

De acordo com O'Sagae (1998, p.5), o rádio estabelece com a audiência um jogo de linguagem. O rádio cria enigmas e situações através de idéias e sonoridades, que são desvendados e assimilados pelo ouvinte de acordo com suas experiências e contexto de vida. Nesse sentido, o rádio é individual, a imaginação diferencia-se de ouvinte para ouvinte.

Através da motivação lúdica, surge a imagem formada num rápido reflexo. Em frações de segundo, o ouvinte provocado tende a completar o espaço vazio com suas imagens interiores ou a sensação de escuro com cores mais amenas. É o que chamamos também de cinema-mental, a resolução visualizada, a imaginação, imagens em ação. Enfim, o ouvinte tocado pelo rádio, emocionado pelo discurso poético: um indivíduo simultaneamente paralisado e provocado à reação.

É como se o ouvinte fizesse uma leitura, porém que do texto radiofônico. Nas radionovelas, por exemplo, a leitura radiofônica coloca o ouvinte no papel de co-autor da trama, pois ele imagina cenas, ações, argumenta situações etc. Segundo Silva (2003), ainda que a participação do receptor seja de forma silenciosa, de escuta, ele é considerado o co-autor da obra, pois o desenrolar do texto acontece de acordo com a percepção da audiência. A compreensão pelo receptor é eficiente na medida em que o texto é produzido através dos elementos da linguagem radiofônica de forma ordenada, contínua, qualificada e que prenda a atenção do ouvinte.

Para Barbosa Filho (2004), os estudos de percepção sonora, que é um fator preponderante de ajuste entre o resultado do produto sonoro, sua transmissão e recepção, é um campo interdisciplinar que abriga a psicoacústica, a psicologia, a semiótica e a arte sonora. “Área do conhecimento ligada às ciências biológicas, a psicoacústica pode ser entendida como o estudo fisiológico da audição, ou seja, o modo como o som chega ao ouvido e, por meio dos terminais nervosos, é levado ao cérebro para seu processamento com fins a permitir seu reconhecimento pelo indivíduo humano”(p.16). A psicoacústica remete a outros estudos determinantes dessa área do conhecimento, denominada “percepção sonora humana”, vista também do ponto de vista psicológico, semiótico e artístico.

[...]a significação da linguagem radiofônica vem determinada por um conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos radiouvintes...A importância decisiva do processo de percepção radiofônica na configuração do sistema semiótico da linguagem radiofônica se fundamenta na necessária integração do conceito ouvinte dentro da complexa estrutura de relações que estabelece o processo de comunicação e expressão radiofônicas a partir da codificação/decodificação das formas sonoras e não-sonoras que constituem a mensagem radiofônica. A mensagem radiofônica, dizia ao princípio desta obra, é um ouvinte entendendo/ interpretando a mensagem[...].(BALSEBRE apud BARBOSA FILHO 2004, p.27)

Conforme Vigil (apud BARBOSA FILHO 2004), mesmo que o emissor garanta que a mensagem vá chegar o mais transparente possível ao ouvinte este a interpretará de sua forma, pois o significado do texto não é algo que está predeterminado na produção, mas, sim que se constrói durante a produção, de acordo com as intenções do autor e a recepção, visto que é em razão do seu contexto que o leitor atribui sentido. Daí a importância de o leitor reconhecer os códigos passados pelo emissor e avaliá-los. Entretanto, o sentido não necessariamente irá coincidir com o que o emissor pretendeu, pois, mesmo que os códigos sejam comuns ao emissor e ao receptor, isso não garante a ausência de ruídos e as diversas interpretações que o texto pode ter por parte dos leitores, que podem estar inseridos em contextos históricos e socioculturais distintos. Porém, se o sentido estiver totalmente oposto à intenção inicial acontece o que se chama de “ruídos de comunicação”, do que é exemplo um texto produzido para determinado público quando dirigido à um público diferente daquele que havia previsto pode sofrer uma leitura equivocada.

2. Radionovela: quando a ficção invadiu o rádio passo-fundense

Passo Fundo foi a primeira cidade em que uma emissora do interior do Rio Grande do Sul transmitiu radionovela, entre o final da década de 1950 e o início da década de 1960, pela Rádio Passo Fundo. Contudo, antes disso, como muitas pessoas não tinham a possibilidade de ter um aparelho de rádio em casa, as peças de ficção e as notícias eram transmitidas através de um serviço de alto-falantes.

Eram grandes cornetões colocados na Avenida Brasil e Avenida Presidente Vargas de 300 em 300 metros, onde às nove horas da manhã tinha início a programação, que começava com noticiais, mas era às seis horas da tarde que as pessoas paravam para escutar, principalmente na Praça Marechal Floriano, começa então flashes de teatros, às vezes pedaços de textos para teatro em dupla, às vezes com mais algumas pessoas. Isso trouxe a Passo Fundo uma noção de radionovela muito antes de elas começarem a ser transmitidas aqui. (GIONGO, apud Ayres, 2002)

Dessa forma, a população ouviu novelas como *Três vidas* e *Noturno* que vinham prontas do Rio de Janeiro e São Paulo. Mais tarde, sob a direção de Maurício Siroski Sobrinho e José Lamaison Porto, foi criado em Passo Fundo um departamento de radionovelas, onde Paulo Giongo era o diretor. Com sua ida para o rádio levou consigo o elenco do Teatro Amador Delorges Caminha, grupo que criava produções próprias e também interpretava *scripts* já prontos.

Como em Passo Fundo não havia muito material para as novelas, os textos eram buscados na Rádio Nacional, na Rádio Tupi, no Espaço Sociedade Brasileira de Atores Teatrais e no Espaço Sociedade Brasileira de Atores Musicais. Entre os textos trazidos de capital estavam *Tia Juliana*, com 146 capítulos, e o *Jovem Dr. Ricardo*. que eram adaptadas para o contexto de

Passo Fundo com o objetivo de aproximar-se dos ouvintes, de acordo com as necessidades regionais.

[...]passava-se uma cena no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, eu botava aqui, vamos dizer da UPF. Eu adaptava para um local mais próximo, porque diziam: “- Isso é lá no Rio, eu não sei onde fica o Rio, não sei onde fica São Paulo”. Podia motivar o desinteresse pela novela, porque era uma coisa de lá. Então eu recebia os capítulos 3 ou 4 dias antes de apresentar aqui e já fazia as adaptações e distribuía para os atores. (GIONGO, informação oral, 25.08.2004)

Era necessário muita criatividade e improviso, de parte do elenco e envolvidos, para a apresentação das novelas, uma vez que tudo, sons, vinhetas, efeitos - era feito de forma artesanal. Os próprios atores e atrizes produziam, montavam e desmontavam o cenário. O elenco não tinha lucro com as radionovelas; o que ganhavam, muitas vezes em suas outras atividades, destinavam a materiais necessários para a apresentação das novelas. As apresentações eram ao vivo, e um pouco antes de começar o espetáculo o grupo fazia o ensaio geral.

As radionovelas iam ao ar das oito às oito e quarenta da noite, de segunda a sexta – feira. Como na Rádio Nacional, em Passo Fundo também havia patrocinadores para as novelas no rádio, como a Juliete Companhia Limitada.

O sucesso das radionovelas era tanto que as pessoas que não tinham rádio iam até a casa de parentes e amigos para escutá-las. Além disso, eram constantes os comentários entre a população sobre as histórias que estavam sendo desenvolvidas. Relata Paulo Giongo: “A partir do momento que chegava o horário das radionovelas as pessoas não faziam mais nada, paravam tudo. O cinema de Passo Fundo começava depois que terminava o capítulo da radionovela”. (informação oral).

Em Passo Fundo as radionovelas duraram dois anos e alguns meses e como nas outras cidades, foram perdendo espaço para outros programas e, até mesmo, para a televisão. Muitos atores das radionovelas de Passo Fundo conseguiram empregos melhores em outras cidades. Apesar disso, a saudade daqueles acontecimentos está na memória dos apaixonados pelo rádio. Giongo cita que o gênero pode voltar ao rádio:

[...]eu fiquei sabendo com uma faceirice total. Existe em Porto Alegre dezenas de atores, ex-atores e ex-atrizes, que estão em uma casa de saúde, em hospitais, pessoas que fizeram época na radiofonia riograndense, com as radionovelas. A *Zero Hora* retransmitiu, o *Correio do Povo*, o *Jornal do Comércio*, que estão criando um novo campo de trabalho e um rejuvenescer de grande parte desses atores já em desuso, eles voltam com voz bonita, linda[...].(informação oral, 25.08.2004)

2.1 Quem era o público-alvo na época

As transmissões radiofônicas eram, na maioria das vezes, dirigidas ao público masculino antes de o rádio ser explorado comercialmente. Contudo, percebendo-se que o veículo era um

meio privilegiado para alcançar o público feminino em casa, começaram os anúncios publicitários no rádio, para o que as radionovelas tiveram grande importância.

Na década de 1930, nos Estados Unidos, eram produzidos melodramas com histórias fantasiosas que comoviam as ouvintes. Amaral (2004) explica que “ninguém dava importância para a irrealdade dos contos. A grande sacada era que, totalmente entretidas pelos dramas das personagens, o novo público-alvo, mulheres, na sua maioria donas-de-casa, absorvia tudo que lhes era despejado”. As radionovelas eram conhecidas como *soap opera* (ópera do sabão) em virtude das propagandas inseridas nessa programação, na qual os maiores patrocinadores eram de uma marca de sabão em pó e a indústria de sabonetes e perfumes, cujo o objetivo era alcançar o público feminino.

O interesse das grandes empresas em ampliar seu lucro, fez das mulheres o público privilegiado da soap-opera, o que exerceu influência direta sobre a temática e a sua estrutura narrativa. Neste sentido, a mulher é percebida tanto como a consumidora em potencial, quanto sujeito de um universo tido como feminino, povoado por supostas expectativas que passam a ser exploradas ficcionalmente. (CARMO, apud AYRES 2002, p.14)

A característica do público-alvo como feminino também estava presente nas radionovelas do Brasil, onde o gênero se estendeu significativamente e teve grande repercussão das ouvintes. Isso acontecia porque a maioria dos ouvintes que escutavam radionovelas eram mulheres, que permaneciam em casa durante o dia todo.

Uma pesquisa do IBOPE (Serviço de Rádio – Rio de Janeiro), realizada em janeiro de 1994, apontava a seguinte audiência para o período de 10h às 11h da manhã: 69,9% de mulheres, 19,5% de homens e 10,6% de crianças. O horário matinal concentrava os maiores índices diários de audiência feminina. Os textos comerciais que acompanhavam as radionovelas, dirigidos para a “prezada ouvinte”, refletiam a valorização da presença feminina no mercado consumidor. Os reclames (utilizando uma expressão da época), apresentavam produtos que limpavam melhor, facilitando o serviço feminino no lar, e os que embelezavam a mulher, deixando-as tão lindas como as estrelas de Hollywood. Havia ainda aqueles que a tornavam uma pessoa moderna, sintonizada com as últimas novidades tecnológicas surgidas nos países desenvolvidos. Até meados da década de 1950, a Sydney Réus foi a maior patrocinadora das novelas, seguida por: Antisardina – o creme da mulher feminina; Óleo de Peroba; Colgate-Palmolive; Tody do Brasil e Perfumaria Myrta Eucalol. A partir de 1955, os patrocinadores começaram a variar mais, podendo ser encontradas empresas de eletrodomésticos como a Arno S/A e a Walita ou de roupas íntimas com a DeMillus, Mourisco ou Alteza. (CALABRE, 2003, p.5)

Além de a publicidade ser voltada às mulheres, as tramas das radionovelas também eram direcionadas para o público feminino. As histórias utilizavam importantes personagens femininas e os enredos mostravam elementos como o amor, a paixão, o incesto e a pureza. As novelas mantinham um diálogo com as ouvintes e os temas desenvolvidos abordavam questões ligadas ao casamento, adultério, mães solteiras e rejeitadas pela família e pela sociedade, pureza feminina e pecados carnis.

A publicidade e as histórias das radionovelas apontavam, muitas vezes, o machismo e a condição submissa da mulher, que eram reduzidas às funções domésticas, consumidoras de produtos de limpeza e alimentares, e à função de sedução, consumidoras de sabonetes e cosméticos.

Uma nova tendência era percebida no comportamento social. A mulher agora era tida como mercado, mas sua condição não era nem um pouco exaltada. Os dramas retratavam o machismo social - não tão distante -, com histórias ressaltando o compromisso com o lar, a subserviência ao marido e as conseqüências de não ser uma boa esposa. Afinal, era dela a culpa das puladas de cerca do marido e "ai" se reclamasse. (AMARAL, 2004)

Quanto mais comoção e fantasia o enredo proporcionava às ouvintes, mais dinheiro os patrocinadores obtinham. Contudo, como o público masculino começou a dar um pouco mais de atenção às radionovelas, essas procuraram produzir as tramas com mais realidade, sem, contudo, perder a característica dramática.

2.3 Leitura e memórias: as ouvintes de ouro

Observando que as mulheres que eram o público-alvo da ficção no rádio, construímos nossa análise a partir da entrevista com leitoras radiofônicas das décadas de 1940, 1950 e 1960. Nosso objetivo é o de resgatar as paisagens sonoras que ficaram na memória dessas ouvintes.

Em seus depoimentos, mencionaram que a realidade hoje é mais violenta do que antigamente, sendo abordada constantemente pelos meios de comunicação, como em telenovelas e programas jornalísticos, nos quais imagens de lutas, assaltos e outras coisas ruins são muito exploradas. A impressão que se tem é que quanto mais a vida evolui mais e mais o cotidiano das pessoas moderniza-se, mais os indivíduos estão expostos a acontecimentos desagradáveis.

Na minha época, a gente vivia muito de ilusões. Se a gente assistisse um filme bonito no domingo, a gente fantasiava a semana inteira sobre aquilo, como é que foi, como é que não, se discutia bastante. Se discutia em família também sobre as novelas da Rádio Nacional, O xeique de Agadir, O direito de nascer [...] Hoje a realidade é muito brutal e ninguém mais quer mascarar essa realidade, infelizmente a gente tem que se alertar, se alertar para a droga, para o ladrão, para os seqüestradores. Isso não existia na vida da gente naquela época, então ainda era permitido sonhar. (BURLAMAQUE, informação oral)

Em Passo Fundo, por exemplo, nas décadas de 1940, 1950 e 1960, as atividades mais comuns em sociedade, eram um passeio na praça, um baile no Clube Caixerai, ir ao cinema e escutar rádio reunido com a família. Era o lazer das mulheres, das qual elas desfrutavam agradavelmente. Apesar de a mulher não ter direito a muitas coisas, como acontece hoje, elas, na maioria das vezes, se realizavam através de uma vida simples, porém tranqüila. Nesse sentido, as radionovelas, eram uma das maiores atrações das ouvintes. O público feminino identificava-se com as tramas, que também traziam mulheres como personagens principais. “No último capítulo

de Tia Juliana quem fazia o papel era Leonilde Martins, que era uma mulher má, que morria queimada” (AYRES, 2002, p.27).

Existia uma maneira de pensar que romance era para mulher, tanto que os homens só liam jornais. Era muito difícil um homem pegar um livro para ler, porque era coisa de mulher. Isso só depois que a mulher foi permitida aprender a ler, porque antes nem isso podia. (BURLAMAQUE, informação oral)

Como se observa, a percepção é essencial para que haja uma comunicação entre emissor e o receptor, ou seja, o ouvinte, mesmo em silêncio, tem de interagir com o autor da radionovela e compreender o que ele quis passar, mesmo que não seja exatamente de acordo com a intenção do emissor, mas que não fuja totalmente dessa intenção, pois isso demonstra que a mensagem não foi transmitida adequadamente. Conforme O’Sagae (2004), o rádio pode levar o indivíduo a revisar seu interior, através de um bem cultural ou simbólico, e interpretar o texto recebido. As leitoras entrevistadas enfatizam como a imaginação voava cada vez que escutavam os sons e como fantasiavam os personagens das novelas.

Toda magia acontecia mesmo sem a visualização, o que importava mesmo era o imaginário de cada ouvinte do outro lado do rádio. O ator e a atriz transmitiam todo o sentimento e o momento da cena através da voz, passando deste ponto, cabia ao ouvinte criar o mundo, o cenário, em que aquele capítulo estava acontecendo, se o mocinho era feio ou bonito, cada um decidia. Por isso, nota-se que o que o rádio transmite é totalmente individual. (AYRES, 2002, p.26)

Segundo Balsebre (1996), toda percepção está relacionada com as recordações. As sensações presentes confundem-se com a memória de experiências passadas, podendo, às vezes, influenciar significativamente no imaginário das pessoas. O rádio, associado à memória, instiga a imaginação do ouvinte, possibilitando que ele compreenda e interprete o texto: “La memoria actúa, pues, en un sentido distinto, según el sujeto que recuerda lo haga desde la perspectiva del espectador de cine, del espectador fotográfico o del radioyente”. (BALSEBRE, 1996, p.200).

A memória faz uma relação entre as percepções passadas e presentes, possibilitando uma associação de idéias, que, por sua vez, auxiliam na produção de imagens pelo ouvinte quando recebe o texto radiofônico. Através da memória, o receptor interage com o emissor e atua como co-autor do texto, não como um simples decodificador, fazendo uma ligação com o contexto em que vive. As ouvintes contam que faziam a integração das histórias das radionovelas com o seu cotidiano. Assim, brincavam de teatro reproduzindo as tramas das radionovelas, nas quais cada criança que participava se fazia passar pelo galã, pelo bandido, pela mocinha etc.

A narração da novela ia mostrando o cotidiano, o contexto de espaço e de tempo, e eu conseguia fazer essas imagens na minha cabeça, e daí eu associava com as imagens e com o espaço que eu vivia e convivía, e o tempo também. Então eu ficava associando aquela história, o tempo e o espaço daquela história, com o tempo e espaço que eu vivia. Eu colocava aqueles personagens dentro do meu tempo e espaço. Era um exercício de fantasia

muito grande. Às vezes, eu me lembro assim, estava jantando naquela mesa de casa de italianos, quando os meus avós vinham, e os tios, tinham umas vinte pessoas, eu ficava olhando para eles e imaginava, então o fulano é o personagem da novela, a fulana é a mãe, eu dava o nome para os personagens. (POTRICH, informação sonora)

Balsebre (1996) forma um diagrama estrutural que representa a função da memória na estrutura e os fatores psicofisiológicos de percepção, assim definindo: um triângulo constituído pela memória, pela associação de idéias e pela imagem. Ainda nesse sentido, de acordo com Gomes e Santos (2004), a memória permite que as pessoas armazenem e recuperam informações no momento em que precisam. Através da memória, o indivíduo acumula experiência, absorve conhecimentos, faz associações, além de elaborar a compreensão de experiências. É nesse sentido que a memória, além da fonte sonora, também é importante para a recepção do texto sonoro, que, através de sua busca pessoal, vai criar imagens.

Do ponto de vista da linguagem, memória de curto prazo é a memória de superfície, envolvendo o breve período de tempo que o ator social consegue manter a atenção em algo imediatamente após sua identificação. Das informações que por aí passam, poucas ficam retidas. Por outro lado, memória de longo prazo é a memória de profundidade, onde ficam armazenados conhecimentos e vivências que se adquirem ao longo do desenvolvimento cognitivo por serem significativos ao ser humano. De outro modo, devemos considerar a própria história da vida social e cultural da coletividade, como produto de identidade dessa memória de longo prazo. (GOMES; SANTOS, 2004, p.4).

Um fato interessante observado durante as entrevistas é que a memória de longo prazo das leitoras das radionovelas aqui de Passo Fundo armazenou muito mais as paisagens sonoras utilizadas nas radionovelas, que eram produzidas, da mesma forma que nas grandes emissoras, artesanalmente, do que propriamente as tramas. Do enredo as ouvintes se lembram somente que eram romances, histórias do cotidiano etc, porém dos sons elas lembram detalhadamente e contam o que ficou na memória. Assim, toda vez que escutavam os sons de beijos e abraços durante o encontro do casal da radionovela imaginavam a cena e vibravam junto com os personagens, ou então, quando escutavam barulho de cavalgada era como se vissem os cavalos; quando escutavam uma música de suspense, sentiam medo e, quando ouviam as vozes dos atores, imaginavam que eram bonitos ou feios e até mesmo reconheciam quem estava falando pela voz.

O que ficou na minha memória foram os efeitos especiais, o que mais chamava a atenção, que ficou marcado para mim, foram esses detalhes, mais do que as histórias. (MAURMANN, informação oral)

As músicas eram muito boas. Eles usavam muitas músicas de cinema e a grande maioria eram de pianistas famosos, de músicos famosos, e muitas eram cantadas também. (VERARDI, informação oral)

...o vento, a chuva, aquilo impressionava bastante. Por exemplo, na novela *O vendaval* eles tinham recursos muito simples e rudimentares, então as pessoas utilizavam alguns instrumentos, algumas coisas, era o mínimo recurso que eles tinham para produzir aqueles sons todos. Era mais a música presente e mais aqueles rudimentos. (CUNHA, informação oral).

Mesmo as radionovelas feitas ou adaptadas em Passo Fundo tiveram grande repercussão na época, tanto que, segundo ex-atores, as pessoas paravam com as atividades que estivessem realizando para escutá-las, e havia um grande envolvimento com o público, a ponto de serem agredidas pessoas do elenco que interpretavam vilãs. As leitoras trazem mais vivo na memória as radionovelas do Rio de Janeiro e São Paulo.

Eu lembro quando nós éramos meninas, a gente escutava as novelas. A que eu mais me lembro é o *Direito de nascer*, aquela novela foi o xodó da época. Das novelas de Passo Fundo eu não me lembro. Eu sei que tinha muita novela que o pessoal fazia, o pessoal do Delorges Caminha, que era um grupo de teatro. Eles faziam aqueles radioteatros, eu dificilmente ouvia. (VERARDI, informação oral)

A idéia dos homens de que novela era coisa de mulher foi-se modificando com o passar do tempo e, aos poucos, eles também foram se interessando pelas tramas. Inclusive, atualmente, fazem parte da audiência das telenovelas.

Os entrevistados, durante os depoimentos, lembraram que o rádio fez parte da infância deles, acompanhando o desenvolvimento das famílias, mas, aos poucos, foi sendo substituído pela televisão. Contudo, consideram que escutar novelas no rádio é diferente de assistir a novelas pela TV.

Quando eu escutava novelas no rádio, a imaginação trabalhava bastante, ficava pensando no vilão, no mocinho da novela, como é que ele era. Então eu idealizava os personagens, achava que eram muito lindos, ou a vilã muito feia. Hoje, a telenovela já traz presente o personagem, ali já identificado, então não tem tanta busca na imaginação. (CUNHA, informação oral)

O rádio, nos dias de hoje, é pouco escutado, pois as pessoas não têm mais tempo e estão sempre envolvidas com outras atividades, deixando esse veículo de lado. Além disso, o avanço tecnológico possibilita diversas opções de signos, códigos, mensagens, linguagens e imagens em suas programações. As informações são tantas que as pessoas não conseguem ter, na maioria das vezes, um senso crítico do que consomem. A programação da televisão, em geral, busca maior audiência sem levar muito em conta a qualidade do conteúdo; vale-se do sensacionalismo para atrair. Esses elementos provocaram o desaparecimento das radionovelas, apesar de algumas emissoras ainda veicularem peças de ficção, as quais ficaram somente na memória de poucos ouvintes.

Acredita-se que a decadência da ficção no rádio no Brasil teria começado na década de 1950, com a chegada da televisão e com a migração dos patrocinadores para o novo veículo, que tomou para si a idéia da dramaturgia no rádio. Junto com a ficção, a televisão também levou do rádio atores, escritores, diretores e técnicos, levando a que, pouco a pouco, o gênero no rádio fosse sendo esquecido. O público foi ficando tão acostumado com o que recebia através da

televisão que parece difícil tentar revitalizar o drama no rádio, que poderia acarretar a perda de audiência de emissoras de rádio caso veiculassem esse tipo de programa. Outra justificativa dada também é que não há atores disponíveis no mercado, porém isso não é real na medida em que escolas de teatro formam atores dispostos a trabalhar no rádio e experimentar sua expressividade, além de haver profissionais de emissoras que gostariam de produzir ficção, mas não têm incentivo de seus superiores. Segundo Ferraz (2004), a dramaturgia no rádio está quase acabando totalmente; assim a sociedade perderá o elo histórico com o passado do rádio e com a dramaturgia brasileira.

Qual seria, então, a importância de resgatar as peças de ficção no rádio? Como antigamente, a dramaturgia pelo rádio continua sendo o modo mais expressivo do uso de suas potencialidades. “A novela e o teatro, pelo rádio, utilizam os principais fatores que caracterizam o meio: voz, música e efeito que, mesclados com arte, processam uma narrativa dramática [...]” (FERRAZ, 2004, p.116). As radionovelas despertam o imaginário e a criatividade do ouvinte. Seria muito interessante para as emissoras e para os ouvintes que fossem oferecidos programas diversificados e de qualidade, como as peças de ficção, porém o público, para aceitar a nova programação, teria que conhecê-la, pois não se pode querer o que não se conhece. Cabe, então, aos profissionais do rádio buscar alternativas, desenvolver e criar a consciência nos ouvintes sobre a importância da dramaturgia no rádio.

5 Referências:

BALSEBRE, A. El lenguaje radiofónico. 2, ed, Madrid: Cátedra, 1996.250p.

SPERBER, G.B. (Org.). Introdução a peça radiofônica. São Paulo: EPU, 1980.250p.

BARBOSA FILHO, A. Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.157p.

SILVA, J.L. de O. da. Performance radiofônica: a plasticidade da palavra oralizada e mediatizada. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte: INTERCOM, 2003.p.1-13.

MOURA, J.J.R. de. Elementos não-verbais e argumentação radiofônica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte: INTERCOM, 2003.p.1-15.

AYRES, T. A era das radionovelas. Passo Fundo, 2002,36p. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Radialismo) – Faculdade de Artes e Comunicação, Universidade de Passo Fundo.

CALABRE, L. Rádio e imaginação: no tempo da radionovela. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO, 26, 2003, Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte: INTERCOM, 2003. p.1-14.

AMARAL, F. Peguem os lencinhos, sentem-se e chorem. Capturado em 27 out 2004. Online. Disponível na Internet <http://www.canaldaimprensa.com.br/midia/dnov/midia1.htm>.

BARBOSA FILHO, A. (Org.); PIOVESAN, A. (Org.); BENETTON, R. (Org.). Rádio: sintonia do futuro. São Paulo: Paulinas, 2004. 332p.

O'SAGAE, P. O silêncio visual do rádio. Capturado em 24 abril 2004. Online. Disponível na Internet http://caracol.imaginario.com/paragrafo-aberto/ptr_silenciovisual.html.

GOMES, A.L.; SANTOS, A.F. dos. Mídia e memória: uma análise dos documentos sonoros das emissoras de rádio na cidade de Natal-RN (1945-1955). In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE DE ALFREDO DE CARVALHO, 2, 2004, Florianópolis. Anais...Florianópolis: 2004.p.10010.

O'SAGAE, P. Quando o rádio sonhamundo. Capturado em 24 abril 2004. Online. Disponível na Internet http://caracol.imaginario.com/paragrafo-aberto/ptr_quandosonha.html.

BORDENAVE, J.E.D. Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. Petrópolis: Vozes, 1998. 119p.

BURLAMAQUE, A.M.A. Memórias Leitoras. Informação oral recolhida em 22, setembro, 2004. Passo Fundo/RS.

VERARDI, Z.M. Memórias Leitoras. Informação recolhida em 22, setembro, 2004. Passo Fundo/RS.

GRANDO, M.B. Memórias Leitoras. Informação recolhida em 22, setembro, 2004. Passo Fundo/RS.

CUNHA, L. Memórias Leitoras. Informação recolhida em 23, setembro, 2004. Passo Fundo/RS.

MAURMANN, S. Memórias Leitoras. Informação recolhida em 23, setembro, 2004. Passo Fundo/RS.

POTRICH, C. Memórias Leitoras. Informação recolhida em 06, outubro, 2004. Passo Fundo/RS.

OLIVEIRA, N. Produção e Interpretação das radionovelas. Informação oral recolhida em 15, setembro, 2004. Passo Fundo/RS.

GERHARDT, J. Produção e Interpretação das radionovelas. Informação oral recolhida em 15, setembro, 2004. Passo Fundo/RS.

SACHETTI, R. Produção e Interpretação das radionovelas. Informação oral recolhida em 24, agosto, 2004. Passo Fundo/RS.

MARTINS, L. Produção e Interpretação das radionovelas. Informação oral recolhida em 25, agosto, 2004. Passo Fundo/RS.

GIONGO, P. Produção e Interpretação das radionovelas. Informação oral recolhida em 25, agosto, 2004. Passo Fundo/RS